

Editorial

Queridos leitores,

Enquanto estamos fechando este número o conflito na Ucrânia continua, com toda a sua crueldade.

Um confronto extremo, que se acrescenta aos tantos pontos “quentes” da terra, onde combates e violências provocam perdas humanas, destruição, refugiados obrigados a deixar a própria terra e cultura, crescimento da pobreza em todos os sentidos.

As redes sociais, os jornais e a televisão nos permitem acompanhar em tempo real o que acontece. No meio de tanto sofrimento provocado pelos homens, vemos quem luta para defender-se e para sobreviver, mas também quem sente vergonha pelo mal provocado, pelo rosto de Deus ofendido em tantos próximos.

Mas a solidariedade não demorou a chegar. Estados, organizações solidárias, pessoas individualmente, correm para receber irmãos desalojados que tiveram que deixar suas casas, seus bens, a sua história, que tiveram que decidir em poucas horas, ou em poucos minutos, se e como ir embora, levando consigo o possível para não dificultar uma viagem que se sabe onde começa, mas não onde termina.

A generosidade que vemos nestes dias é muito grande: quem dá o seu tempo, quem coloca à disposição a sua casa ou qualquer lugar possível para a acolhida, quem faz coletas de todo tipo de gêneros de primeira necessidade, roupas e remédios, quem disponibiliza dinheiro, quem organiza e faz brincadeiras com as crianças que estão nos refúgios ou locais de recebimento dos desabrigados. Uma situação que continua a evoluir, sobre a qual vocês encontrarão informações e atualizações no site www.focolare.org.

Inclusive neste momento, todos podemos continuar a contribuir para a paz, começando a ser nós os seus construtores, lá onde estamos, onde passamos o nosso dia, com ações

concretas. Às vezes nos aproximando de quem tem posições que nos contrastam, incluindo quem está marginalizado ou não é levado em consideração, verificando as fontes antes de difundir uma notícia ou um comentário nas redes, ajudando ou acolhendo quem não tem um teto ou o necessário para sobreviver. Será a nossa melhor contribuição para a paz mundial, juntamente com a oração de súplica e de agradecimento por cada passo, ainda que pequeno, na resolução dos conflitos.

Neste número vocês encontrarão muitos testemunhos que podem nos encorajar no caminho rumo a um mundo unido. Na abertura publicamos a mensagem de Margaret Karram para o Cantiere Hombre Mondo, e fechamos com um pensamento de Chiara Lubich sobre a paz, retirado de seu discurso na UNESCO, em 1996.

Boa leitura,

Stefania Tanesini con Anna Lisa Innocenti,
Lorenzo Russo, Carlos Mana, Maria Grazia Berretta,
Maria Laura Hernandez, Laura Torelli, María Luz Peña,
Laura Salerno, Johanna Boss, Carmelita Ventrella.

I NOSTRI CANALI:

email: ufficio.comunicazione@focolare.org

Sito web: www.focolare.org

Instagram: [@focolare_official](https://www.instagram.com/focolare_official)

Facebook: [@focolare.org](https://www.facebook.com/focolare.org)

Youtube:

https://www.youtube.com/c/CollegamentoFocolare_official

PROSSIMO APPUNTAMENTO:

28 DE MAIO DE 2022 ÀS 20:00 (GMT+1)

Sermos homens e mulheres-mundo



O laboratório planetário Hombremundo aconteceu de 25 a 27 de fevereiro de 2022. Falaremos sobre ele nas primeiras páginas deste número. Margaret Karam enviou esta mensagem aos milhares de adolescentes que participaram, em muitos países, e que se conectaram por meio de videoconferência.

Queridos gen3 e adolescentes do Movimento Juvenil pela Unidade do mundo inteiro. Que alegria estar com vocês neste Laboratório Hombremundo que, também graças à internet, é realmente um evento planetário! E que alegria para mim poder cumprimentá-los com todo o meu coração.

A primeira coisa que quero dizer a vocês é: **OBRIGADA**. Obrigada pela vida de vocês! Eu sei que **projetaram e construíram este laboratório juntos**, realizando encontros entre várias nações e continentes. Há meses que vocês estão trabalhando. E enviaram para o Centro Gen3 e Movimento Juvenil pela unidade uma avalanche de vídeos

com **experiências pessoais e de grupo**, canções, poesias, danças.

O Laboratório não é apenas um evento de três dias, vocês o construíram antes de tudo com o testemunho de vida de vocês.

Hombremundo. Vocês sabem de onde vem essa expressão? Foi proposta por Chiara Lubich exatamente para vocês. Quando vocês lhe perguntaram qual era, na opinião dela, o modelo de homem para as gerações futuras, ela respondeu: é aquele que consegue conter no coração os tesouros dos outros – mesmo que sejamos de culturas, religiões, línguas diferentes – e que, por sua vez, dá aos outros os próprios tesouros.

Tornar-se homem e mulher-mundo é justamente o objetivo que vocês se propõem neste Laboratório. E é muito bonito que tenham escolhido **3 temas importantes para aprofundá-lo**:

Sommario

Tu a tu com a presidente do Movimento dos Focolares 02	Evangelho vivido 09
- Sermos homens e mulheres-mundo	- Uma nova família / Idosos
Vida do Centro Internacional do Movimento dos Focolares 04	Focolares no mundo 10
- Novos membros do Conselho Geral do Movimento	- Peru: as numerosas faces de Jesus
Evangelho vivido 05	- Laboratório Hombremundo planetário
- Fazer tudo juntos	- #DARETOCARE: a Semana Mundo Unido 2022
Focolares no mundo 06	Mariápolis Celeste 19
- Ser e criar comunidade	Santos juntos 26
	- Chiara Lubich: um único povo

1. mostrar **o estilo de vida daqueles que decidiram viver pela unidade** e, portanto, como colocar em prática esse ideal mesmo quando vocês estão sozinhos e em todos os relacionamentos que constroem: pessoalmente, pela internet, nas redes sociais, por toda parte...;

2. **melhorar efetivamente a proteção do planeta** e reduzir de forma drástica **a fome e a pobreza até que desapareçam**;

3. contribuir com decisão para a **paz entre os indivíduos e entre os povos**.

Muitos de vocês sabem que há um ano realizamos a Assembleia Geral do Movimento e, também graças às ideias e propostas que vocês e muitos outros gen e jovens nos enviaram, escolhemos caminhar juntos, ainda mais decididos, nesta direção.

Não se sintam sozinhos. O Movimento dos Focolares em todo o mundo está com vocês e os apoia neste compromisso, trabalhando em muitos campos, ou melhor – por favor, peça a vocês –, ajudem-nos a realizar este compromisso!

Mas vocês me perguntarão: por onde começar? É preciso ter a coragem e a alegria de sair do próprio conforto, de uma vida cômoda e tranquila, para cuidar dos outros e da criação. **“Dare to care”** é o slogan lançado pelos jovens, que abraçamos como nosso, todos juntos. Significa olhar ao redor e agir para “cuidar” de quem precisa. Cuidar: usando a cabeça, o coração e as mãos.

Muitos de vocês sabem que nasci e cresci na Terra Santa, a terra onde Jesus viveu. Quando morava em Jerusalém, muitas vezes parei perto da Escada Santa onde, segundo a tradição, se diz que Jesus rezou ao Pai pedindo pela unidade de toda a raça humana. Ele disse: **“Pai, que todos sejam um, como tu e eu”**.

Chiara Lubich contou muitas vezes que, lendo estas palavras do Evangelho, compreendeu que nasceu para realizá-las. Quantas vezes, passando por aquele lugar, senti no meu coração o forte desejo de contribuir com toda a minha vida para a realização dessa oração e quantas vezes sonhei em ver homens e mulheres unidos e em paz como uma única família humana, eu sonhei realmente um mundo unido.

Confesso a vocês que muitas vezes, assim como vocês, me senti e me sinto **impotente diante do mal do mundo, das guerras, da injustiça, da destruição da natureza**.

Nesses momentos, o que me ajuda é olhar para o Céu, falar com Deus, confiar no Seu imenso Amor. Isso me dá força e coragem: saber que **Ele está comigo, está conosco e conduz a história**.

A certeza do Seu Amor aquece meu coração e me torna capaz de amar, perdoar, estender a mão para construir a unidade com as pessoas que encontro todos os dias. Sinto que só assim posso tomar a iniciativa de ser uma pequena construtora de paz.

O mundo novo começa a partir de cada um de nós. Nós, por primeiro, devemos ser aquela mudança que queremos ver no mundo, como dizia Mahatma Gandhi.

Quando eu era gen, Chiara nos entregou simbolicamente uma bandeira. A primeira geração passou esta bandeira para a segunda, depois para a terceira. Hoje **eu gostaria de entregar essa mesma bandeira para cada um de vocês**. Sabem o que está escrito nessa bandeira? De um lado está escrito “Que todos sejam um” e do outro lado está escrito: Jesus Abandonado.

Com todos vocês e muitos no mundo, procuremos ser portadores de amor, de unidade em todos os lugares, guardando nos nossos corações o segredo, Jesus Abandonado. Ele, que soube transformar a dor em amor, **grita ainda hoje** nos pobres, nas pessoas que sofrem, em tudo o que é feio e representa divisão, derrota, sofrimento. Vamos começar por aí, com coragem, para ajudar a curar nossas feridas, as que estão ao nosso redor e no mundo, e acelerar a hora da paz e da unidade.

Então, tudo de bom para todos vocês! Que este amor vivido no dia a dia dilate os nossos corações para descobirmos os tesouros de cada pessoa e de cada povo e nos dê a oportunidade de doar nossas riquezas aos outros e assim sermos homens e mulheres-mundo.

Margaret Karram



Vida do Centro Internacional do Movimento dos Focolares

Novos membros do Conselho Geral do Movimento

Sábado, 26 de fevereiro, Vitória de Fátima Franciscatti foi eleita conselheira. A presidente Margaret Karram anunciou que lhe confia o aspecto do Testemunho e Irradiação e a Grande Região da África-Oriente Médio, juntamente com Klaus Brüscke.

Depois, foi confirmada a nomeação do padre Mariano Carrizo como responsável do Movimento Sacerdotal.

Pedimos a eles que se apresentassem:

Vitória de Fátima Franciscatti:

Sou a quinta de oito filhos: três homens e cinco mulheres. Cresci com liberdade em uma região rural esplêndida no estado de São Paulo (Brasil), mas, quando eu tinha 12 anos, nos mudamos para a cidade devido aos estudos para nós, filhos. Nossos pais nos acostumaram a saber ganhar a vida, portanto, ainda muito jovem, fiz diversos tipos de trabalhos que eram permitidos aos menores de idade.

Assim, enfrentava o mundo dos adultos. Frequentemente vivi experiências que colocaram à prova os valores morais que havia recebido em casa. Depois de me formar em letras, sempre fui professora no

ensino médio. Em 1978, participando de uma das apresentações da banda gen, fiquei fortemente atraída pelo relacionamento entre elas. Mergulhei de cabeça na vida gen. Um dia, durante a santa missa, senti que as palavras de Jesus ao jovem rico eram dirigidas a mim. Assim, quando terminei a universidade, parti para a escola de formação das focolarinas e, em 1985, para Loppiano (Itália) e Montet (Suíça) para completar meu caminho de doação a Deus no focolare.

Em 1990, parti para a África com grande temor, visto que estava indo para um mundo desconhecido para mim. Palmira Frizzera, uma das primeiras companheiras de Chiara Lubich, na época responsável pela escola de formação de Montet, temendo que eu não conseguisse viver naquele continente, me propôs uma mudança. Isso foi muito importante para mim, para poder dar um passo com a plena liberdade e confiança em Deus, que me conhecia, me conhece e sabe do que preciso. Assim, parti e fiquei na África por 26 anos. Sempre morei em focolares multiculturais, experimentando que o mundo unido começava justamente ali, no recomeçar contínuo no amor recíproco. Sempre me senti muito livre com minhas irmãs e meus irmãos

africanos, inclusive nas situações mais difíceis. Por exemplo, durante um dos conflitos que vivi ali, fui sequestrada por bandidos. Podia ver Jesus inclusive neles e o amor realmente espantou todos os temores. Na Costa do Marfim e na Serra Leoa, vi a comunidade do Movimento nascer e se desenvolver, com muitas vocações, numerosos simpatizantes, aderentes, realmente como uma família. Depois, fiquei mais oito anos na Mariápolis Victoria, perto de Man (Costa do Marfim).

Em 2016, senti a necessidade de um período de descanso e, por isso, voltei ao Brasil. No momento de retornar à África, me foi proposto mudar de destino e ir para a Mariápolis Ginetta (São Paulo, Brasil). Foi uma grande surpresa. Voltar para a minha cultura não foi difícil, talvez porque sempre me senti filha dessa comunidade que me gerou. Agora, diante dessa nova surpresa de Deus e a perspectiva de chegar ao Centro internacional, sinto gratidão e temor a Deus, porém é mais forte o sentimento de ser filha de um Pai que me conhece e me ama.

Evangelho Vivido

Fazer tudo juntos

Para evitar os danos que muita tevê pode causar aos nossos filhos, entendi que mais do que obrigá-los a desligá-la, é preciso aprender a “perder tempo” com eles, propondo outras atividades, mesmo sabendo que isso requer mais empenho. Depois de ter falado com o meu marido e com eles, decidimos dedicar cada noite a uma atividade diferente: na segunda, escrever e pintar; na terça, jogar juntos; na quarta, ver tevê; na quinta, arrumar a casa; na sexta, fazer um passeio, etc. Descobrimos a cada dia que temos muito a aprender para ajudar os filhos a crescer, nos calando na realidade deles. Desde que começamos a fazer isso, vejo que as crianças

Don Mariano Carrizo

Sou sacerdote diocesano. Moro em Mendoza (Argentina), perto dos Andes. Estou em uma paróquia que cobre uma área de mais de cinquenta quilômetros com diversas comunidades e igrejas de bairro. Graças a Deus está indo tudo muito bem e estou feliz. Trabalho com um vice-pároco muito jovem que só tem três meses de sacerdócio. Também trabalhamos juntos na diocese. Faço parte da pastoral sacerdotal e sou a referência nacional da minha região. Também sou sacerdote voluntário, faço parte de um núcleo no qual somos de diversas partes da Argentina (San Juan, Córdoba, Mendoza, Neuquén e Buenos Aires). Há três semanas, tiramos férias com sacerdotes focolarinos, voluntários e diáconos em Cura Brocheco, um lugar importante de religiosidade, popular no nosso país, onde viveu Curato Brochero, um dos primeiros santos argentinos. Hoje, pensando nessa nomeação para o Movimento Sacerdotal, fico feliz de poder estar a serviço, de dizer o meu sim. Confio na oração de todos vocês.



esperam aquele momento para escrever ou ler uma história, para organizar as gavetas, os brinquedos, e ficam felizes por fazermos juntos. Quanto à noite da tevê, depois de algumas semanas, nosso filho mais velho propôs que a dedicássemos a cozinhar juntos. Assim, no lugar de ver um filme, nos divertimos preparando o jantar, todos com as mãos enfarinhadas e oleosas. Fazer tudo juntos, inclusive a faxina, se tornou um jogo!

S.J. – Brasil



Focolares no mundo

Ser e criar comunidade

Assim como as primeiras comunidades cristãs, surgem, no espírito do Movimento dos Focolares, comunidades locais em todas as partes do mundo onde há um grupo, mesmo que pequeno, de pessoas que aderem à espiritualidade da unidade.

Emmanuel Mounier, filósofo francês, fundador do personalismo, que viveu na primeira metade do século passado, disse: “A primeira experiência do indivíduo é a experiência da segunda pessoa: o Tu, e, portanto, o nós vem antes do eu, ou, pelo menos, o acompanha”. Isso quer dizer em duas palavras: ser comunidade.

E porque “somos” comunidade, devemos “criar” comunidade. O esforço, nada fácil na nossa época, é ir para além do individualismo, olhar ao redor e reforçar os laços com quem compartilhamos o espaço geográfico de uma cidade ou um bairro, um ambiente de trabalho, uma escola...

É um desafio que os grupos do Movimento dos Focolares procuram levar adiante em diversas partes do mundo, dos grandes centros até cidadezinhas e vilarejos nas montanhas ou em meio às grandes planícies do planeta.

Foi uma sensação muito forte a que provei há um tempo, ao chegar a uma pequena cidade no interior argentino. Estive ali para visitar um centro para adolescentes com deficiência e, enquanto entrava, me dava conta pouco a pouco da presença de uma comunidade viva, unida por fortes vínculos de fraternidade.

Uma comunidade ativa e presente nos vários ambientes da cidadezinha: no clube, na paróquia, na prefeitura, na escola. Adultos, jovens e crianças juntos, sem distinção. E isso não ocorreu só naquela ocasião. Aconteceu outras vezes, ao visitar várias partes do mundo.

Em Namibe, na Angola, as comunidades locais se uniram para desenvolver várias atividades, encorajadas pelos desafios discutidos durante a Assembleia Geral do Movimento dos Focolares de 2021, a fim de ir ao encontro do grito da humanidade sofredora que espelha o vulto de Jesus abandonado.

Assim, os adultos preparam e distribuem mensalmente uma sopa “solidária” a quem tem mais necessidade, dividindo as tarefas entre os vários membros da comunidade. É uma atividade desenvolvida juntamente com a igreja local, à qual se juntou também uma arrecadação de roupas e utensílios para a casa a serem doados a quem precisa.

Enquanto isso, os jovens se tornaram promotores de um centro para crianças abandonadas, mais de 30, entre os 5 e 17 anos. Arrecadam, mensalmente, alimentos e artigos para a casa, enquanto outros adolescentes, respondendo ao grito do planeta, cuidam de recolher garrafas de plástico de água mineral (hoje muito consumidas e jogadas pelas ruas da cidade) para depois entregá-las a quem, pelas dificuldades, fez disso



uma verdadeira atividade de trabalho. Recebem a ajuda dos adultos na mobilização de famílias, colegas de bairro, colegas de trabalho, para entregar gratuitamente as garrafas vazias.

A comunidade de Tombwa, também na Angola, se concentra especificamente na organização da limpeza e coleta de lixo na cidade, cuidando da vida das árvores.

Indo para a Holanda, na região de Limburgo, ao sul do país, Peter Gerrickens (voluntário de Deus) conta: “No fim de novembro de 2019, visitamos uma pessoa de uma cidade vizinha. Sabíamos que ali ofereciam refeições aos mais necessitados e queríamos lançar a mesma iniciativa na nossa paróquia”.

Infelizmente, quando a iniciativa estava para começar, chegou a Covid e não foi possível montar um salão para o almoço. Então, começaram a distribuir marmitas. Maria Juhasz (aderente do Movimento dos Focolares), ajudante na



preparação das refeições, acrescenta: “Não se trata apenas de distribuir comida, mas queremos dar algo a mais. Esta é muito mais que uma ação social”. Depois de um ano, chegaram a distribuir 400 refeições por dia e o número crescia sempre mais, tanto que não conseguiram sustentar a atividade sozinhos. No entanto, depois de ter procurado, chegaram reforços: o Exército da Salvação, a comunidade de Santo Egídio, com mãos dispostas a ajudar e com a sua experiência prática extremamente preciosa, deram a sua contribuição.

Além disso, a ajuda da providência continua chegando: alguns empresário que dão aquilo que sobra, um comércio que toda semana manda algumas frutas e verduras...

“A cada duas semanas, à noite”, contam, “fazemos um momento de oração juntos. Todos são convidados: os amigos que recebem as refeições, os voluntários da cozinha e quem distribui a comida. São cristãos de todas as Igrejas, pessoas





de outras religiões e outros sem uma crença particular”.

Até montaram um espaço onde oferecem um café na praça em frente à igreja todas as semanas. O pároco está sempre disponível.

“As pessoas têm muitas preocupações e sofrimentos que não podem ser resolvidos somente com uma refeição”, continua Peter. “Os nossos amigos são gratos pela comida, mas também pela oração: para um amigo falecido, para um neto que acabou de nascer. Além de dar comida, é importante construir amizades verdadeiras, ver Jesus no outro. Esse é o nosso ponto de partida, criar um contato verdadeiro, entrar em diálogo, de pessoa a pessoa, e descobrir as necessidades de cada um.

Muitos vêm também só para conversar um pouco. Um senhor, por exemplo, depois de ter pegado sua comida, nos agradeceu por termos escutado-o, o que não acontece mais em família.”

Atualmente, são cerca de 2000 as pessoas que pegam comida todas as semanas, mas a comunidade não parou ali. Um novo projeto está

começando. O município de Heerlen forneceu uma primeira contribuição financeira. Com isso, será instituída uma escola profissional para jovens provenientes de regiões desfavorecidas. Receberão uma formação culinária e serão eles mesmos que darão uma mão na preparação da comida.

“A Palavra de Vida sustenta bastante tudo isso”, concluem. “Podemos realmente dar de comer a Jesus nos que têm fome.”

Realmente poderíamos continuar a dar a volta ao mundo. As comunidades locais do Movimento dos Focolares surgem justamente ali, onde dois ou três pegaram para si a espiritualidade da unidade e que, inspirando-se nas primeiras comunidades cristãs, querem dar testemunho do amor recíproco: “Com isso todos saberão que vocês são meus discípulos, se vocês se amarem uns aos outros” (João 13:35). Assim, juntos, contribuem para transformar a própria realidade com um olhar particular voltado aos irmãos mais desfavorecidos.

Carlos Mana

Escola

Para refletir sobre o potencial das comunidades no amor preferencial por quem mais sofre e, assim, testemunhar e anunciar o Evangelhos nas realidades variadas da Igreja e do mundo hoje, líderes das comunidades locais do Movimento dos Focolares se reunirão em uma Escola de 7 a 10 de abril. Reunidos presencialmente e contemporaneamente em centenas de pontos do mundo, se conectarão entre si por algumas horas por dia. Assim, viverão uma experiência “global”: ou seja, estar profundamente enraizados no próprio local e fazer parte de uma família estendida global.

Uma nova família

Meu marido e eu ficamos sabendo por uma irmã, amiga nossa, de uma menina grávida de oito meses que não tinha onde morar e dormia em um banheiro público. A situação não nos deixava tranquilos: avisamos a assistente social, dispostos também a acolher a moça depois de ter falado com nossos filhos. Como a assistente social demorou para dar um retorno, um dia fomos nós mesmos procurar a garota. Ajudados por uma família do local, a encontramos em um lugar de jogos, onde ela passava o dia. A sua história era dolorosa: filha de uma prostituta, viveu em um instituto até os catorze anos. Ao voltar para a mãe, fugiu de casa logo para não ter o mesmo



ofício que ela. A moça não acreditou quando dissemos que estávamos dispostos a acolhê-la. Graças ao boca a boca, muitos amigos nossos se empenharam em procurar o necessário para ela e para o bebê. Agora, que nasceu uma bela menina, procuramos ajudá-la a cuidar da filha com discrição. Ela nos considera a sua família.

L.A.G. – Itália



Quando nos casamos, o amor nos fazia voar e quase não escutávamos os conselhos de parentes e amigos. Meu marido tem uma tia idosa que, ao ficar viúva, começou a cuidar dos sobrinhos como se fossem seus próprios filhos. Propusemos a ela que viesse morar conosco e ela ficou feliz. A sua presença gerava sempre um calor. Um dia, intuindo que algo não estava bem entre eu e meu marido, a tia quis falar comigo

Idosos

em particular. Foi logo ao cerne da questão: “A paixão acaba, mas o amor permanece”; e, com a delicadeza de quem sofreu, acrescentou: “Você está na condição de gerar um novo amor: seu marido precisa disso. O que posso fazer é apoiá-los com a oração”. Quando lhe perguntei se podíamos rezar juntas, ela ficou feliz. A serenidade que encontrei ao rezar juntas logo contagiou meu marido e os filhos, que já eram adolescentes. A presença da tia entre nós me ajudou a entender por que o papa Francisco insiste tanto no valor dos idosos. O bem mais precioso da nossa família é justamente ela.

Sz.K. – Eslováquia



Focolares no mundo

Peru: as numerosas faces de Jesus

Há anos Silvano Roggero, Ofelia Torres e muitas pessoas do Peru se empenham em acolher tantos venezuelanos que, já há um tempo, foram obrigados a abandonar a própria pátria em busca de um lugar seguro que se torne sua “casa”.

Se pensarmos que os venezuelanos residentes no Peru em 2015 eram apenas 3768 e somente seis anos depois superaram 1,2 milhão, dá para perceber logo a tragédia que vive um país que está se despovularizando cada dia mais. Atualmente são 6 milhões os que saíram da Venezuela, mais que os sírios, e o drama social que a nação peruana vive não deve ser subestimado, mesmo que seja necessário dar o mérito ao fato de o país ter se aberto generosamente a esse fluxo migratório totalmente inesperado.

Em dezembro de 2017, com a chegada ao Peru de Ofelia Torres (professora de educação infantil), Armando Molina e Anita, uma família interconfessional (ele, evangélico-pentecostal, e ela, católica), que já fazia parte do Movimento dos Focolares na Venezuela, começou uma aventura completamente nova, e também apaixonada, de acolhimento e acompanhamento dos migrantes, que foi para frente nesses quatro anos e nos comprometeu sempre mais, envolvendo-nos também no campo ecumênico e inter-religioso graças à colaboração fraterna com membros de várias Igrejas e diversas religiões.

Uma ação que, infelizmente, continua precisando das nossas forças. O ritmo certamente não é aquele dos anos anteriores nos quais, por exemplo, contava-se até 5 mil passagens da fronteira do Equador ao Peru por dia. Às vezes, este último é apenas um país de passagem que permite que muitos prossigam em direção ao Chile, Argentina e Bolívia.

Já não se fala de migração, mas de pessoas que fogem. E quando você escapa de um lugar, a única coisa que faz é pegar as poucas coisas que tem à mão. As pessoas chegam aqui com poucas roupas (mais de verão que de inverno), algo de comer e dinheiro contado para a viagem (terrestre, de ônibus, mas muitas vezes inclusive a pé!) durante a qual, muito frequentemente, tiveram de desembolsar propina para poder chegar ao destino.

Lembro que encontramos, para uma das primeiras famílias venezuelanas que chegou aqui ao Peru, uma pequena acomodação que pertencia a um casal da comunidade do Movimento dos Focolares que a colocou à disposição por um mês e entregamos a eles algumas dezenas de euros para as necessidades mais primárias.

E foi, assim, espontaneamente, que com Ofelia Torres, começamos aquilo que no fundo foi nosso principal empenho nesses quatro anos: acolher, acompanhar, estar perto, ajudar



nas necessidades mais urgentes (alimentos, medicamentos, roupas, documentos, transporte...), incluindo ajuda econômica, fruto da comunhão de bens de algumas comunidades do Movimento dos Foculares e/ou doações de amigos, parentes, etc. “...Vir para cá não estava nos meus planos”, conta Ofelia Torres quando fala da escolha de abandonar a Venezuela, “mas, após receber uma mensagem de Silvano Roggero que dizia ‘Venha para o Peru’, me parece que veio a intuição que era um ‘chamado’, por isso, com meu marido Armando, fizemos a viagem em direção a uma nova aventura. Hoje, depois de quatro anos, percebo que tudo isso realmente estava nos planos de Deus!”.

Continuamente, durante o ano, ficamos sabendo, por parentes e amigos, de venezuelanos que chegam ao Peru ou que já estão aqui. O que nos pedem é sobretudo que acolhamos e façamos com que sintam o calor da família.

Entramos em contato com mais de 500 venezuelanos concentrados principalmente em três cidades: Lima, Arequipa e Trujillo. Foi criado um grupo no WhatsApp em que contamos notícias, principalmente relacionadas aos documentos para regularizar a situação dessas pessoas, vagas de emprego, necessidades de remédios, alojamentos ou outras coisas.

Entre os tantos venezuelanos conhecidos, encontramos por acaso duas mulheres, uma psicóloga e uma médica, que se colocaram à disposição. Com elas, pudemos começar a oferecer ajuda profissional. Foram feitos workshops, até para as crianças, e conferências sobre o tema da depressão, distância,

comunicação com os familiares, saudades, combater o frio, etc.

Se tivéssemos de sintetizar em poucas palavras o que procuramos levar para frente, utilizaria os 4 verbos muito usados pelo papa Francisco quando fala dos migrantes: acolher, proteger, promover, integrar.

Desde o começo, entendemos que era e é importante escutar profundamente cada um, reconhecendo, em cada vulto, aquele de Jesus, como aprendi quando era jovem, abrindo-nos a uma nova cultura (cheguei dois anos antes de Ofelia Torres ao Peru) tão diferente da nossa, a fim de orientar e acompanhar muitas famílias, inclusive as peruanas.

“Lembro-me de um fato”, conta Ofelia Torres, “que me marcou profundamente: certa vez, no meio da noite, uma pessoa me chamou dizendo que havia chegado há pouco tempo a





Lima e que estava com muito frio, que tremia. Escutei-a por muito tempo, eram 11 pessoas no mesmo cômodo, quatro crianças e sete adultos e combinamos de nos falar no dia seguinte. Com alegria, pudemos conseguir para eles cobertores, roupas e alimentos”.

E continua com outra experiência: “Uma vez, uma menina me ligou como se estivesse se despedindo de mim. Sentia que sua vida não tinha mais sentido. Eu a escutei e tive uma intuição sobre o que aconteceria. Sem poder ajudá-la de outra forma (ela havia interrompido bruscamente a ligação e desligado o celular), liguei para os amigos do Movimento dos Focolares daqui e de outros países pedindo que rezassem por essa pessoa. No dia seguinte, recebi uma mensagem no celular: ‘não sei o que aconteceu! Tomei um frasco de pílulas, mas não desciam pela minha garganta de jeito nenhum, joguei o frasco e comecei a chorar’. Continuamos a nossa relação nesses dois anos e graças também à ajuda de profissionais (uma psicóloga, um médico e um psiquiatra) conseguimos fazê-la sair da sua escuridão. E a verdadeira surpresa é que o amor vai e volta. Agora é ela quem, há algumas semanas, se dedica a ajudar uma idosa que vive sozinha e, com o pouco que ganha das vendas nas ruas, nos ajuda oferecendo um café da manhã para

algumas crianças venezuelanas. Ficou ao lado de um homem em estado grave de Covid-19, porque ninguém queria se aproximar dele até que morreu em seus braços. Ela mesma ficou surpresa e me confidenciou há um tempo como aprecia tanto a vida agora. Poderia realmente contar muitas histórias comoventes, como aquela vez em que um pai, casado, com dois filhos, veio nos encontrar para entregar 15 euros. Meses antes, havia caído de um andaime e quebrado o braço. Quando o conhecemos, o acidente havia acontecido há duas ou três semanas e, sem dinheiro, não havia feito nada com relação ao seu braço. Era urgente intervir antes que a fratura se complicasse, por isso conseguimos fazer com que se internasse e operasse. Mesmo com necessidades, meses depois voltava para nos dar aquela quantia: ‘Assim, vocês podem ajudar outros venezuelanos!’.

São três exemplos, mas são muitas as pessoas que, cotidianamente, nos contatam em plena pandemia. Percebemos que foi o Pai quem nos quis aqui, nesta nova pátria!”.

Silvano Roggero
(com a colaboração de Ofelia Torres), Lima, Perú



Focolares no mundo

Laboratório Hombre Mundo planetário

De 25 a 27 de fevereiro de 2022, um projeto que mira a fraternidade universal, idealizado e realizado por adolescentes. Mais de 3000 adolescentes envolvidos em ações locais e globais para favorecer o conhecimento entre culturas e religiões diferentes, desenvolver a cidadania ativa, concretizar a sua atuação pelos grandes desafios do planeta: da questão ambiental à eliminação da fome e da pobreza.

A cada três anos, os Gen 3 – adolescentes do Movimento dos Focolares – organizam um laboratório internacional para formar-se à cultura da fraternidade com uma dimensão global. Eles aprendem a conhecer, amar e respeitar a pátria do outro como a própria, experimentam que cada cultura é um presente para o mundo e buscam fazer juntos a experiência de atividades concretas de solidariedade. **O objetivo é tornarem-se cidadãos ativos do mundo.**

Este é o Laboratório Internacional **Hombre Mundo**.

Foi realizado pela primeira vez em 2014, na Argentina, depois em 2017 na Europa do Leste (Croácia, Sérvia e Polônia). Outros foram locais e envolveram milhares de jovens. O programa é idealizado e realizado diretamente pelos adolescentes, desde a escolha das temáticas a serem abordadas e os testemunhos, aos textos e canções. Este ano, de 25 a 27 de fevereiro, pela

primeira vez foi realizado em nível planetário. Mais de 3000 jovens em 600 pontos espalhados pelo mundo, viveram ações concretas e conectaram-se em videoconferência para testemunhar o mundo unido. Além disso, por meio das redes sociais, os jovens do Movimento Juvenil pela Unidade compartilharam vídeos e fotos das próprias experiências.

“O homem do futuro, a pessoa do futuro é o homem da unidade – afirmou **Chiara Lubich**, fundadora dos Focolares, falando no Super Congresso Gen 3 internacional, em 1997 -. O homem, que muitas vezes nós chamamos de “homem-mundo”, um homem que consegue guardar no seu coração todos os tesouros doados pelos outros, de todos os continentes, e que consegue dar os seus tesouros a todos os outros. O homem do futuro é o homem da unidade, é o homem-mundo”.

Tornar-se cada vez mais homens e mulheres-mundo, pessoas com um coração aberto sobre a humanidade inteira, com as suas riquezas e os seus desafios que precisam ser acatados e vencidos, foi o objetivo dos três dias de fevereiro. Em cada dia foi aprofundada uma temática diferente.

Etapa I – O nosso estilo de vida

O nosso estilo de vida é a arte de amar: como a vivemos e como podemos vivê-la durante a



pandemia? Como continuar a amar no mundo virtual das **redes sociais**? Foi este o objetivo do dia 25 de fevereiro. A arte de amar, proposta por **Chiara Lubich** foi o centro das suas reflexões e testemunhos. “Nós entendemos – conta Samira, do **Congo** – que devemos aceitar-nos mutuamente apesar das nossas diferenças, que são uma enorme riqueza. É um modo de promover os valores e ao mesmo tempo banir os antivalores”. E Élise, da **França**: “Durante um encontro ficamos muito impressionados com alguns dados relativos à mortalidade infantil no mundo. Além da fome e das doenças, vimos o enorme percentual de crianças que morre de diarreia pela falta de água potável. Foi então que entramos em contato com uma ONG, presente no Camboja, e organizamos um espetáculo para recolher fundos para a perfuração de um poço que poderia fornecer água limpa a uma dúzia de famílias, por toda a vida”. Dong e Sunho, da **Coreia**, acrescentam: “No ano passado quisemos fazer alguma coisa para os moradores de rua da nossa região. Pensamos em preparar doces para o Natal. Usamos um cofrinho para colocar as nossas economias para este fim e conseguimos entregar 819 saquinhos com doces que foram distribuídos no dia de Natal a 40 crianças e 750 pessoas em situação de rua”.

Etapa II – Árvore do mundo: responsabilidade

“O nosso compromisso por um Ecologia integral e para chegar ao nosso objetivo **Fome Zero**”. O objetivo “Fome Zero”, o segundo dos 17 Objetivos de desenvolvimento sustentável da Nações Unidas para 2030. Porque o papel dos jovens é importante para salvar o ambiente? Com a ajuda de especialistas – como **Richard**

Tantoco, atual presidente e diretor operacional da empresa filipina **Energy Development Corporation**, a maior empresa geotérmica do mundo – procuraram saber algo mais sobre o aquecimento global. “Nos próximos 10-15 anos, o que vocês fizerem irá determinar o destino do planeta – afirmou Tantoco -. Não temos ainda inovações suficientes para enfrentar a mudança climática. Portanto, a juventude é extremamente importante e espero que vocês se concentrem em carreiras e estudos que os ajudem a entender o que está acontecendo, e a refletir sobre como podemos resolver alguns dos problemas”.

Entre tantas outras, foi contada a experiência dos Gen 3 da **Áustria** para um projeto de reflorestamento. “Conseguimos o dinheiro para investir no projeto das árvores durante o torneio Fair Play, que aconteceu em Viena – eles contaram -. O tema era ‘Fair play contra a mudança climática’. Naquele dia participaram quase 120 atletas e 100 colaboradores. Com o dinheiro recolhido conseguimos comprar cerca de 1500 árvores”.

Mas, de que maneira Fome Zero e Ecologia estão ligados ou relacionados? Responde **Yob Doronilla**, botânico e cientista australiano: “Vou contar a vocês uma experiência maravilhosa. As pessoas das ilhas Fiji estavam felizes por saber que os jovens do Movimento Juvenil pela Unidade se comprometem para que não exista mais ninguém no mundo que sofra pela fome. Os representantes das ilhas Fiji nas Nações Unidas apoiaram muito o projeto Fome Zero e votaram para que fosse reconhecido que a agricultura, a ecologia e a mudança climática estão conectadas. Fome



Zero está ligado à ecologia, porque, se alguém cultiva suas plantações de modo sustentável, sem desperdiçar muito fertilizante e água, no mundo haverá a possibilidade de nutrir 20% a mais das pessoas que agora passam fome. As duas coisas, por isso, estão fortemente ligadas. Lembro que a pessoa que negocia sobre a mudança climática nas ilhas Fiji, na ONU, ficou muito grata quando eu lhe disse que vocês, adolescentes, tinham abraçado esta ação. Ela disse: “Eu não sabia que o Movimento Juvenil pela Unidade fazia isso!”. (...) Vocês estão fazendo algo muito importante para o mundo inteiro!”.

Etapa III – Que todos sejam UM

“A beleza do encontro entre os povos e o empenho de todos para construir um mundo de **paz e unidade**” O dia 27 de fevereiro foi o dia pela paz. Tudo começou com o caminho “mãos, cabeça e coração”. Os jovens reafirmaram o desejo de fazer ações concretas utilizando as mãos, com uma cabeça que faça refletir e criar ideias para agir e com um coração que dê força para todas essas ações positivas.

As experiências contadas exalavam paz e unidade, apesar das muitas dificuldades. Como a de uma garota de **Mianmar**, que vive uma situação política muito difícil: muitas famílias devem deixar suas casas e refugiar-se em centros de acolhida. Ela desejava muito fazer algo por elas. “Então me coloquei à disposição para ajudar os refugiados que tinham sido acolhidos na igreja. Mesmo se estava cansada acreditava que Deus estava comigo, olhava

para mim e me dava a força para continuar a ajudar os outros. Assim eu resisti, procurando ser muito paciente com todos e essa foi a chave que me fez dar a virada: ser paciente. Agora posso dizer que foi um período maravilhoso e muito lindo para mim, tenho uma lembrança inesquecível”.

Malala é uma jovem **paquistanesa** “Quando eu tinha 15 anos fui atingida na cabeça por um grupo de talibãs e tive que deixar a escola, era outubro de 2012. Naquele período criei um blog, “Diário de uma estudante paquistanesa”, para escrever sobre o meu dia a dia, sobre as dificuldades que atravessei e sobre o meu grande amor pelos estudos. Em 2014, com 17 anos, eu me tornei a pessoa mais jovem a receber o Prêmio Nobel pela Paz, pelo grande esforço que existia no blog para garantir às mulheres o direito à instrução”. Em setembro passado, o Fundo Malala lançou a rede Gulmakai, uma iniciativa de 3 milhões de dólares, para ajudar as jovens e mulheres do mundo inteiro a terem acesso à instrução.

No **Líbano**, Maria Sfeir, embaixadora de paz no Oriente Médio, juntamente a Fouad Sfeir, contaram como “incorporaram a cultura da paz, educando as nossas crianças com os bons valores do amor e a doação de si mesmos, para construir uma sociedade melhor, um ambiente de não violência e justiça”.

Houve também a presença do Gen Rosso, conectado da Ilha de Lampedusa, na Itália, famosa pela acolhida aos migrantes, para responder ao grito que a humanidade vive neste momento e ir ao encontro dos excluídos e esquecidos, dos mais pobres. O dia se concluiu com a oração pela paz, o Time Out, quando os mais de 3000 jovens conectados pediram a paz em todos os países atingidos por conflitos de guerra ou perseguição. Mas não termina aqui, por que Hombre Mundo continua dia a dia a construir um mundo unido, partindo do lugar aonde estamos, em cada pequena ação, a cada instante e qualquer ocasião.

Para maiores informações visite teen4unity.org

Lorenzo Russo



Focolares no mundo

#DARETOCARE: a Semana Mundo Unido 2022

O tema do “cuidado” está mais uma vez no centro da próxima Semana Mundo Unido: de 1 a 7 de maio de 2022. Uma ocasião imperdível para todas as regiões.

Aqui estamos! Faltam dois meses para a Semana Mundo Unido 2022, que também este ano verá, no mundo inteiro, o empenho de milhares de pessoas de todas as idades, classes sociais, raças e crenças.

Frequentemente, ao pensar nesse compromisso marcado, o que vem à mente são os jovens, os grandes encontros, os “eventos”.

Mas a Semana Mundo Unido é muito, muito mais, porque não é somente sobre os jovens. Durante o ano todo, há uma riqueza de vida, que vê as diversas gerações do Movimento dos Focolares em ação, trabalhando juntos pela fraternidade universal.

Os Jovens por um Mundo Unido, há quase 27 anos, propuseram dedicar uma semana do ano para engajar de modo mais ativo a opinião pública no caminho rumo a um mundo unido. Eu me lembro dos comentários, naqueles dias de maio de 1995, durante o Genfest, procurando entender o que era aquela proposta, o que deveríamos fazer dali a um ano.

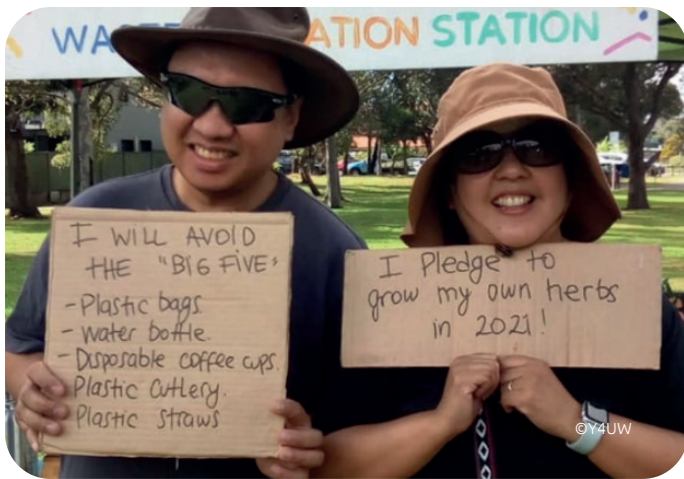
A resposta chegou nas semanas seguintes e, como sempre, chegou de maneira prática, vivendo. O convite era, e ainda é atualmente, bem preciso, e 25 anos de história, da primeira SMU de 1996 até a última de 2021, confirmam: a primeira

coisa a fazer é aprofundar e dar continuidade a todas as atividades que as comunidades do Movimento dos Focolares levam para frente com coragem e, em certos casos, silenciosamente, para dar sustento ao caminho rumo à unidade nos contextos mais diversos: nos bairros, nas escolas, no trabalho, em situações de fragilidade e de abandono, fazendo uma proposta às cidades, às instituições, aos meios de comunicação, para promover a unidade e a paz em todos os níveis, e junto com todas as pessoas com os mesmos princípios e objetivos.

Os jovens, não estão sozinhos, mas com todas as outras pessoas, inclusive as mais velhas, com as famílias, profissionais, adultos, políticos... unidos pelos valores da fraternidade universal.

Juntos e inclusivos, com ações de amplo alcance que mudam o tecido social e o melhoram, podemos incidir mais sobre a opinião pública mundial.





David Sassoli (1956-2022), ex-presidente do Parlamento Europeu, recentemente falecido, disse aos Jovens por um Mundo Unido na Semana Mundo Unido 2021:

“Acredito que isto seja um trabalho de pedagogia civil que tem a ver conosco de algum modo, nos envolve como políticos, como instituições, mas também, naturalmente, todo o mundo tão importante das associações europeias. Acho que em particular vocês se encontram em uma posição privilegiada, porque já definiram não só que é importante cuidar dos outros, mas também cuidar para melhorar as condições de vida dos outros.”

Este é o “cuidado” de que o mundo precisa e que também neste ano tão particular não faltou em todos os continentes.

“Cuidar dos outros é um ato de coragem”, disse Jomery Nery, um jovem advogado fiscal brasileiro, que também é o diretor das operações da Anpecom (Associação Nacional por uma Economia de Comunhão).

Da Anpecom nasceu uma iniciativa chamada Supera (Programa de Superação da

Vulnerabilidade Econômica). Jomery o descreve assim: “Durante todo o ano recebemos mensagens, e-mails, comunicações de pessoas que precisam de ajuda para comer, para construir sua casa porque vivem em alojamentos de papelão, para o aluguel, para estudar ou para começar uma atividade. Supera é uma campanha para recolher dinheiro que depois é utilizado para ajudar pessoas em dificuldades”. Um “cuidado” endereçado às situações de fragilidade.

Também em Belfast, a capital da Irlanda do Norte, não se brinca: há cerca de quatro anos, a cidade acolhe uma iniciativa que poderíamos definir tanto como ecológica quanto social e que se desenvolve no mesmo modo também em outras partes do mundo: estamos falando do Repair Café, ou seja, “bar dos reparos”: em que voluntários se colocam à disposição de pessoas que levam os próprios objetos quebrados para serem consertados e, nesse tempo, passam uma bela manhã juntos. O Repair Café é uma verdadeira experiência, seja para os voluntários, que consertam, mas também para as pessoas que decidem investir o próprio tempo em levar um objeto para ser reparado em vez de jogar fora. As motivações por trás dessa escolha são as





mais diversas: da preocupação com as mudanças climáticas ao desejo de ver um objeto do qual se gosta tanto voltar a funcionar. E com essa desculpa, se estreitam relações, conexões, se atrai a força para enfrentar os desafios cotidianos.

Em Lecce, na Itália, uma comunidade constituída por famílias, adolescentes, profissionais, artistas, juntamente com associações e paróquia, trabalha para revitalizar um bairro marginalizado, difícil, cinza de tantos pontos de vista. “A primeira ideia foi tornar o muro do oratório mais alegre e colorido”, conta Dom Gerardo, “daí nasceu a ideia do primeiro grafite, que foi apreciado também pelas outras pessoas”. Pouco a pouco, graças ao boca a boca, e aos jovens grafiteiros presentes na região, chegaram artistas de muitas partes do mundo para dar beleza aos prédios do bairro Stadio, e também vieram fotógrafos, turistas, administradores locais, atraídos por verdadeiras obras de arte que esses grafites representam. Tudo é fruto de uma fraternidade que se criou

entre os artistas e os habitantes do bairro, que ativou uma mudança virtuosa da qual todos se sentem parte: um projeto real de ajuda para os mais fracos, que contemplou ações pelo trabalho, a revitalização do ambiente e social.

São histórias como essas que dão alma à Semana Mundo Unido: são essas comunidades de pessoas ativas que entram no jogo e que de 1 a 7 de maio de 2022 encontrarão uma vitrine em tantos encontros espalhados pelo mundo, virtuais e presenciais, que não farão outra coisa senão reunir e mostrar a vida que há em todas as regiões: #DaretoCare (ousar cuidar) será o título: o “cuidado” que poderá fazer com que se repita ainda hoje o que Chiara Lubich disse da Semana Mundo Unido 2002: “É sempre algo um tanto especial. É uma das iniciativas mais em conformidade com o carisma”.

Paolo Balduzzi

Contribuições para o noticiário Mariápolis:

Prezados leitores,

este noticiário em formato Pdf, que pode ser impresso, é um serviço gratuito do Departamento de Comunicação. Mas somos sempre gratos a quantos

quiserem continuar a sustentar, inclusive economicamente, o nosso trabalho, contribuindo também assim para a difusão do Carisma da unidade.

A redação

A ajuda econômica pode ser enviada por transferência bancária na conta corrente

PAFOM – Noticiário Mariápolis
Unicredit Ag. di Grottaferrata (RM) - Piazza Marconi
IBAN: IT 94 U 02008 39143 000400380921
BIC: UNCRITM1404

Mariápolis Celeste

Palmira Frizzera: “o ideal da minha vida”



Palmira Frizzera fazia parte do grupo de amigas de Chiara Lubich, no primeiro Focolare de Trento, e concluiu sua vida no dia 5 de janeiro passado. Ela nos deixa um forte exemplo de “fidelidade criativa” e de confiança nas novas gerações.

Maio de 1947. A primavera mostra o seu esplendor em Trento. Palmira Frizzera, nascida em Terlago, um povoado a poucos quilômetros da cidade, tinha 19 anos. Ela estava participando de um encontro de jovens, convidada por uma amiga que tinha conhecido em novembro do ano anterior e que lhe havia transmitido muita alegria de viver e uma nova liberdade. “Deviam ser umas 100 meninas e lá eu conheci Chiara” – Palmira mesma contou, anos depois, a um grupo de jovens. “Fiquei conquistada por ela, pelo modo como nos falava de Deus, do amor, do amor ao próximo”. Entre aquelas jovens algumas se destacavam, era seis ou sete e se chamavam ‘focolarinas’. “No final do encontro – continua Palmira – eu vi que essas jovens, ao invés de irem para casa, se dirigiram a uma casinha na Praça dos Capuchinhos no. 2, que era o primeiro Focolare de Trento, mas eu não sabia”. Palmira pediu para ir com elas. Quando entrou naquela

casa sentiu como se estivesse no “palácio de um rei”, mesmo se a mobília era muito pouca. “Mas como? Vocês moram aqui e não me contaram?” – lembrava Palmira – E comecei a chorar, comovida. Sentei em uma das caminhas e disse: ‘daqui eu não saio mais!’”.

Chiara então lhe perguntou: “É Deus o ideal da sua vida? E você entendeu que para amá-lo deve fazer a Sua vontade?”. E ela respondeu que sim. “Então, agora é melhor que você volte para casa, e mais tarde, se esta for a Sua vontade, você virá”. Palmira se levantou com um salto, se despediu e saiu. “Pelo caminho escutei uma voz dentro de mim, tão forte que a escuto até agora: Deus é o ideal da sua vida!”. Alguns meses depois Chiara perguntou-lhe se ainda tinha a ideia de entrar no focolare. Palmira não pensou duas vezes e começou a sua aventura. Foram anos intensos de vida “dos primeiros tempos”, com muitos pequenos e grandes episódios do Evangelho vivido que permanecem na história do Movimento dos Focolares, como um testemunho da potência da Palavra de Deus e das Suas promessas. Depois de anos nos focolares de várias cidades da Itália, e do início de “Encontros Romanos”, uma agência para acolhida turística criada para facilitar o conhecimento de Roma como cidade cristã, especialmente para quem vinha dos países do leste da Europa, Palmira se transferiu para Montet, na Suíça, no ano de 1981, onde estava iniciando uma nova “Mariápolis permanente” que seria chamada “Mariápolis Foco”. Foi um momento forte para Palmira, em que sentiu que Deus lhe pedia tudo. Ela contou: “... eu estava sozinha num apartamento





em Estavayer – vilarejo próximo a Montet - e estava desesperada... comecei a chorar e soluçar tanto que pensei: ‘não é possível que eu fique nesse desespero’. Então, justamente porque a aflição era grande, eu me ajoelhei e recitei o Pai Nosso, e quando cheguei em ‘seja feita a Tua vontade assim na Terra como no Céu – que eu disse em voz alta – entrou em mim uma paz que ainda não perdi’. Durante quase 30 anos foi corresponsável pela Mariápolis permanente e formou gerações de focolarinos e focolarinas, conduzindo a Mariápolis com grande sabedoria.

Tinha um enorme amor pelos Gen, os jovens do Movimento. Num momento de diálogo ela disse: “Não é que eu tinha muita experiência com os jovens, mas eu a adquiri aqui; e eu dizia: aqui todos estamos na escola de um único Mestre (...), eu sou uma colega de escola de vocês. Eu não sou alguém dos primeiros tempos do Movimento, uma mestra de formação, não! Dessa forma roubamos o lugar de Jesus no meio. Eu sou uma companheira de escola, todos estamos na escola de Jesus entre nós”. Mas Palmira possuía um talento a mais: a sua extraordinária capacidade de comunicação caminhava junto com a sua capacidade, igualmente extraordinária, de escuta. Pela sua exigência profunda de uma vida de comunhão sincera e franca, ela sempre compartilhou o que estava vivendo. Eis uma das experiências do último período da sua vida: “Realizar uma obra, fazer um colóquio importante e... lavar os pratos, com a mesma solenidade, a mesma liberdade, a mesma importância. Isso aprendemos com Chiara na Praça dos Capuchinhos, no primeiro Focolare de Trento. Tudo era importante, as pequenas e as grandes coisas, e não havia desarmonia entre uma e outra.

Esta mesma experiência revivi neste período. Devo tomar parte simplesmente, com o que é pequeno e o que é grande, com a morte e com a vida, com o que Deus me pede momento por momento. Devo viver como uma focolarina, não com palavras, mas com os fatos.

Entendi que devo parar de pensar em viver ou morrer, mas devo me converter e viver apenas o momento presente na vontade de Deus. (...) Deus não nos quer sozinhos, mas juntos. Somos um corpo. Entendi, enquanto me preparo para o Paraíso, que não conta nada ser dos primeiros tempos, dos segundos ou dos terceiros, porque a alma, diante de Deus, é sempre jovem, é imortal, a alma em Deus não tem idade e por isso devemos sentir-nos todos iguais. Em Deus não existem os anos, nem os privilégios. Juntos, estamos todos no mesmo plano!”.

Palmira faleceu no dia 5 de janeiro de 2022, aos 94 anos. Um versículo do evangelho de Marcos (16,15) a acompanhou durante toda a vida: “Ide e pregai o evangelho a todas as criaturas”, era sua Palavra de Vida.

Margaret Karram, presidente do Movimento dos Focolares, escreveu, entre outras coisas: “... Assim como nos apoiou sempre, vivendo em plenitude o seu desígnio, estamos certos de que continuará a sustentar-nos, ao lado de Chiara e de todos os nossos, no Céu...”.

Noreen Lockhart



Dom Aldo Giordano: testemunha da ressurreição



Ele encontrou a espiritualidade da unidade pouco antes de ser ordenado sacerdote, e sua compreensão de Jesus abandonado deu um novo significado ao seu ministério. Um homem de grande cultura, serviu a Igreja Europeia e foi Núncio Apostólico na Venezuela.

Na introdução ao livro *“Un'altra Europa è possibile! Ideali cristiani e prospettive per il vecchio Continente”* - San Paolo Edizioni, 2013, (Uma outra Europa é possível! Ideais cristãos e perspectivas para o velho Continente), Aldo Giordano se apresenta assim: *“Nasci (em 20 de agosto de 1954) em um pequeno vilarejo rural na região de Cuneo - San Benigno, no norte da Itália. (...) Eu fui ordenado sacerdote em 28 de julho de 1979. (...) Um colega com o mesmo nome que eu, Aldo, foi ordenado padre no final de junho do mesmo ano. No domingo anterior à minha ordenação, à noite, ele tinha celebrado uma missa para mim e meu colega sacerdote, como um presente, porque havia o risco de perdermos a missa dominical devido a um mal-entendido. Quando nos despedimos, ele nos disse que no dia seguinte iria para as montanhas com dois jovens. Foi sua última missa, porque no dia seguinte ele caiu em um penhasco e morreu, depois de apenas um mês de vida sacerdotal.*

Na quinta-feira houve o funeral dele e no sábado da mesma semana eu fui ordenado sacerdote. Naqueles dias, talvez pela primeira vez de um modo tão sério, eu me questionei sobre a fé. Interroguei-me sobre a existência de Deus, sobre a Providência, sobre o Paraíso, e disse a mim mesmo que, se eu não tivesse uma resposta convincente a essas perguntas eu ainda poderia, e talvez tivesse

que desistir do sacerdócio. Eu tive a graça de ouvir uma voz dentro de mim confirmando que Deus existe e que Ele é amor, que a Ressurreição é verdadeira, que o Paraíso existe, e que ser sacerdote significa acima de tudo ser testemunha desta grande e Boa Nova. Assim, eu me tornei um padre”.

Após completar seus estudos filosóficos e teológicos no outono de 1978, ele imediatamente começou a se especializar em filosofia na Pontifícia Universidade Gregoriana em Roma. No início de agosto, porém, antes de se mudar para a capital italiana, ele participou da Mariápolis de Bergamo e ficou fascinado com o carisma da unidade. Aproveitou alguns dias disponíveis para passar algum tempo no "centro gens" em Grottaferrata (Roma), para jovens seminaristas que vivem a espiritualidade do Movimento dos Focolares. Graças a diálogos profundos com alguns dos membros do "centro gens", que ele continuaria a frequentar durante seu primeiro ano de estudos, ele entendeu de uma nova maneira que a morte de Jesus na cruz não era o fim, mas uma passagem, e que Seu grito de abandono, primeiro desesperado e depois, de imediato, confiante, não era uma questão de sentido, mas uma resposta ao não-sentido: Deus é Amor, mesmo na dor.

A predisposição natural de Aldo à amizade, após o encontro com o carisma da unidade, é enriquecida por uma nova dimensão: a fraternidade em Cristo.

De 1982 a 1996 ele foi professor de filosofia no Instituto Teológico Interdiocesano e na

Escola Superior de Ciências Religiosas em Fossano (Cuneo). Ensinou durante vários anos no Liceu clássico do seminário, realizando também cursos de ética na Escola de Teologia para leigos. Foi colaborador na paróquia de S. Pio X em Cuneo como vice pároco, e atuou no acompanhamento da pastoral diocesana nas áreas de política, economia, medicina e cultura. Por seus talentos de organização e didática e pela sensibilidade em relação à Europa e ao ecumenismo, em 1995 foi escolhido como Secretário Geral do Conselho das Conferências Episcopais Europeias (CCEE) e se transferiu para a sede do secretariado em St. Gallen (Suíça). Realizou essa missão a serviço da comunhão e da colaboração com os bispos europeus durante 13 anos e, em particular, aprofundou a dimensão ecumênica de seu ministério.

Seus anos de intenso e fecundo trabalho na Suíça também atraíram a atenção da Secretaria de Estado, e em junho de 2008 o Santo Padre Bento XVI o nomeou Observador Permanente da Santa Sé no Conselho da Europa em Estrasburgo (França). Ali ele pôde aprofundar e ampliar seu conhecimento sobre a realidade europeia.

Em outubro de 2013 foi nomeado Arcebispo Titular de Tamada e Núncio Apostólico na Venezuela, onde permaneceu por mais de sete anos e meio. Embora não possuísse formação diplomática clássica, ele compreende a diplomacia em seu sentido mais autêntico e elevado de construir pontes.

Em 8 de maio de 2021, o Papa o nomeou Núncio Apostólico da União Europeia.

A pandemia de Covid também se torna uma oportunidade para Aldo refletir sobre o sentido da vida. Em 20 de abril de 2020, ele escreveu: *"A pandemia ressalta o fato de que a vida é um risco e é frágil, (...) ela vai deixar uma marca na questão da fé. Aqueles que confiam suas vidas à lógica científica, à tecnologia, aos negócios, ao capital, ao poder, ao prazer... se encontram na nova situação de vivenciar a falta de credibilidade desses ambientes de salvação. (...), o sofrimento desses tempos suscita a interrogação sobre o próprio Deus, o seu amor e a Providência. Onde está Deus quando esses sofrimentos acontecem? Diante desta situação, sinto que é urgente encontrar os meios para testemunhar e repropor a fé em Cristo crucificado e ressuscitado, um Deus a quem podemos confiar a nossa vida para salvá-la dos riscos de cair na falta de sentido e no vazio".*

Dom Aldo Giordano faleceu em 2 de dezembro de 2021, após dois meses de luta com este mesmo vírus. Dizendo adeus a seus amigos antes de entrar na terapia intensiva, relutantemente, mas serenamente, escreveu: *"Provavelmente chegou a hora, também para mim, de voltar à casa do Pai. Do céu eu os acompanharei de todos os modos (...). Um abraço fortíssimo. Eu lhes quero muito bem" e 10 minutos depois: "Os médicos estão me convencendo que eu devo aceitar a intubação e a anestesia geral. Procuro aceitar isso como a vontade de Deus".*

Ele nunca mais se acordou, a não ser para encontrar quem o esperava na outra margem, o Ressuscitado.

Mons. Giorgio Lingua

Mariápolis Celeste

Darci Rodrigues: uma vida de fidelidade



Darci Rodrigues é o exemplo de alguém que, de forma 'mariana', pôde passar sua vida em prol da causa da unidade.

Desde o primeiro momento em que Darci Rodrigues, uma focolarina brasileira, faleceu em 10 de fevereiro, e nas horas que se seguiram ao seu funeral, as redes sociais foram inundadas de expressões de gratidão. Ela era uma figura conhecida tanto no Brasil quanto no exterior pelos muitos cargos que ocupou no Movimento dos Focolares, o que lhe permitiu cultivar um número infinito de relações.

"Uma vida tão ocupada e exigente como a dela nunca a impediu de manter uma normalidade saudável e - de acordo com muitos - uma grande profundidade espiritual." Saad Zogheib Sobrinho, focolarino brasileiro, escreveu sobre ela. Um comentário que parece resumir os pensamentos de muitas pessoas que com ela viveram.

Darci conheceu o carisma de Chiara Lubich quando ela ainda era muito jovem, em 1963, durante uma "Mariápolis", reunião que durou



vários dias na cidade de Garanhuns, no estado de Pernambuco.

"Foi uma experiência muito forte, fiquei fascinada, especialmente porque vi o Evangelho vivido", disse Darci, relatando seu primeiro contato com os Focolares.

Naquela época, ela era estudante de História na Universidade do Recife, "um ambiente impregnado de idéias marxistas e de fortes críticas à Igreja", conta. Por isso, seu encontro com Deus e sua adesão ao carisma da Unidade foram tão intensos que ela decidiu se consagrar e se tornar uma focolarina.

Após esta decisão, Darci deixou seu noivo, a família e os estudos para frequentar a escola de formação de focolarinos na Itália de 1964 a 1966. No seu retorno ao Brasil, ela começou a trabalhar intensamente a serviço dos Focolares.

De Belo Horizonte, ela se mudou para a periferia do que hoje é Vargem Grande Paulista, perto de São Paulo, para contribuir na fundação da Mariápolis Araceli (hoje Mariápolis Ginetta), um dos três centros do Movimento dos Focolares no Brasil. De lá foi para São Paulo, onde trabalhou por 20 anos à frente do Movimento na região, que naquela época incluía vários estados brasileiros no sudeste e centro-oeste do país.

Em 2002, foi eleita conselheira do Movimento para o Brasil. Mais tarde, após a morte da fundadora, Chiara Lubich, em 2008, foi reeleita conselheira e nomeada pela então presidente dos Focolares, Maria Voce, como delegada central,

com um papel importante na governança do Movimento em nível internacional.

"Às vezes eu tinha que lidar com questões difíceis, mas sempre senti muita paz nesses momentos e uma ajuda especial do Espírito Santo. Muitas vezes eu tinha uma idéia já preparada, mas a certa altura Jesus me fez entender, através de alguém, que ele queria algo mais, talvez o oposto do que eu pensava. Era importante para mim confiar na presença de Jesus entre nós, não apenas no meu próprio bom senso", diz ela.

Em maio de 2012, ela foi diagnosticada com uma doença pulmonar grave. "Depois de alguns exames", conta, "o diagnóstico foi muito sério: o médico me disse que eu tinha que me armar com muita coragem para lutar e perseverar. Dentro de mim tinha a forte convicção de que nada acontece por acaso e que Deus tem um plano amoroso para cada um de nós".



O tratamento teve um resultado surpreendente, para o espanto dos médicos. Deste período de tratamento, sua secretária na época, Gloria Campagnaro, diz: "A vida continuou com a solenidade e a paz de sempre, entre terapias, caminhadas recomendadas pelo médico e trabalho para o Movimento, com horas reduzidas; uma vida que trouxe fecundidade e unidade".

Em maio de 2020, a doença retornou repentinamente. Novas hospitalizações chegaram, até que, num estado de saúde irreversível, Darci viveu seus últimos momentos cercada pelo afeto e orações de toda a comunidade do Movimento dos Focolares. Em um vídeo gravado durante este período, antes do Natal, ela reafirmou a convicção que a guiou ao longo de sua vida: "Temos Jesus em nosso meio".

"Ela deixa uma lição exemplar de como viver plenamente um ideal de unidade e fraternidade que a humanidade tanto precisa", disse Luiza Erundina, representante do Governo Federal, ao saber de sua morte. Nas muitas expressões de gratidão pelo dom da vida da Darci, há referências comuns à serenidade e à alegria acolhedora que ela transmitiu a todos ao longo de sua vida, onde quer que ela estivesse. Em uma única palavra, uma presença mariana.

Luís Henrique Marques
Chefe de redação da revista Cidade Nova





Membros do Movimento que concluíram sua vida terrena:

1 de dezembro de 2021 **Maddalena Cariolato**
focolarina da Itália

3 de janeiro de 2022 **Luis Roberto Abella**
focolarino do Uruguai

5 de janeiro de 2022 **Dominique Maure**
focolarina casada da França

5 de janeiro de 2022 **Antonio (Tonino) Bagnoli**
voluntário da Itália

5 de janeiro de 2022 **Margrit Gspan-Keller**
voluntária da Suíça

5 de janeiro de 2022 **Zelide Cecchetti**
empenhada de Famílias Novas da Itália

9 de janeiro de 2022 **Laís Antunes Plech**
gen 3 do Brasil

10 de janeiro de 2022 **Chukri Mehmar**
voluntário do Brasil

13 de janeiro de 2022 **Adele Santanché**
focolarina da Itália

15 de janeiro de 2022 **Pubblio Dal Soglio**
focolarino casado da Itália

19 de janeiro de 2022 **Michel Vandeleene**
focolarino da Bélgica

19 de janeiro de 2022 **Maria Rosa Ghislandi**
voluntária da Itália

19 de janeiro de 2022 **Martin Klingbacher (Podi)**
focolarino dos EUA

21 de janeiro de 2022 **Roberto Moreira**
voluntário da Argentina

22 de janeiro de 2022 **Dante Concari**
sacerdote focolarino da Itália

23 de janeiro de 2022 **Paolo Abati**
focolarino da Itália

27 de janeiro de 2022 **Cosimo Migliaccio**
focolarino da Itália

27 de janeiro de 2022 **Piero Taiti**
quarto diálogo da Itália

31 de janeiro de 2022 **Joachim Jermis**
focolarino casado da Alemanha

6 de fevereiro de 2022 **Maurice Khoury**
sacerdote focolarino do Egito

8 de fevereiro de 2022 **Sebastiano Vizzini**
sacerdote focolarino da Itália

9 de fevereiro de 2022 **John Welch**
focolarino casado dos EUA

10 de fevereiro de 2022 **Darci Rodrigues**
focolarina do Brasil

20 de fevereiro de 2022 **Ricardo Spinetta**
voluntário da Argentina

24 de fevereiro de 2022 **Jacquot Rakotobe**
focolarino de Madagascar

24 de fevereiro de 2022 **Teresa Piras Garau**
focolarina casada da Itália

28 de fevereiro de 2022 **Carlos Alberto Quiroz**
Palacios, voluntário do Equador



Santos juntos

Chiara Lubich: um único povo

Do Discurso proferido por ocasião da entrega do Prêmio UNESCO para a educação para a paz, Paris, 17 de dezembro de 1996.

Como se poderia pensar na paz e na unidade no mundo sem a visão de toda a humanidade como uma única família? E como vê-la tal sem a presença de um Pai para todos?

Pede, portanto, que se abra o coração a Deus Pai, que não abandona certamente os filhos ao próprio destino, mas quer acompanhar, proteger, ajudá-los; que, porque conhece o homem no mais íntimo do seu ser, acompanha cada um em todos os particulares; conta até os cabelos da sua cabeça... que não sobrecarrega de pesos os seus ombros, mas é o primeiro a carregá-los.

Ele não deixa unicamente nas mãos dos homens a renovação da sociedade, mas também é o seu autor. Acreditar no seu amor é um imperativo nesta nova espiritualidade; acreditar que somos amados por Ele de maneira pessoal e imensamente.

Acreditar.

E, entre as mil possibilidades, que a existência oferece, escolhê-lo como Ideal de vida. Colocar-se

inteligentemente naquela atitude que cada homem assumirá no futuro, quando alcançará o destino para o qual foi chamado: a Eternidade.

Mas é claro que não basta acreditar no amor de Deus, não basta ter feito a grande escolha dele como Ideal. A presença e as atenções de um Pai para com todos, convida cada um a agir como filho, a amar por sua vez o Pai, a atuar cada dia aquele especial desígnio de amor que o Pai tem para cada um, a fazer a Sua vontade.

E sabemos que a primeira vontade de um pai é que os filhos se tratem como irmãos, que se queiram bem, que se amem.

(...)

Não é um divertimento dedicar a própria vida para viver e difundir a paz! É preciso coragem. É preciso saber sofrer. Mas é claro que, se muitos homens aceitassem o sofrimento por amor, o sofrimento que o amor exige, ele poderia se tornar a mais poderosa arma para doar à humanidade a sua mais elevada dignidade: sentir-se não tanto um aglomerado de povos em fileira, muitas vezes em combate, mas um único povo.

Chiara Lubich